

[TT00983]

Azas de um anjo

José de, Alencar

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Azas de um anjo

José de Alencar

As azas de um anjo

Comédia em um prólogo, 4 actos e um epílogo

Officinas Graphics do Jornal do Brasil

-Rio de Janeiro - 1931

PERSONAGENS

LUIZ VIANA.....Srs. Paiva

RIBEIRO..... Heller

ARAÚJO..... Graça

PINHEIRO..... Couto

MENEZES..... P. Joaquim

ANTÔNIO..... Aréas

JOSÉ..... Freitas

CAROLINA..... Sr.as. Adelaide

MARGARIDA..... Noronha

HELENA..... Clotilde

UMA MENINA..... F.

As cena é no Rio de Janeiro e contemporânea.

PRÓLOGO

Em casa de Antônio- Sala pobre.

CENA 1

CAROLINA, MARGARIDA E ANTÔNIO

Carolina defronte de um espelho, deitado nos dois grandes laços de fita azul Margarida cosendo junto à janela. Antônio sentado num mocho, pensativo.

Carolina

É quase noite!...

Margarida

Que fazes aí, Carolina? Já acabaste a tua obra?... Prometeste dá-la pronta hoje.

Carolina

Já vou, mãezinha; falta apenas tirar o alinhavo. Olhe! Não fico bonita com meus laços de fita azul?

Margarida

Tu és sempre bonita; mas realmente essas fitas nos cabelos dão-te uma graça!... Perces um daqueles anjinhos de Nossa Senhora da Conceição.

Carolina

É o que disse o Luís, quando as trouxe da loja. Tínhamos ido na véspera à missa e ele viu lá um anjinho que tinha as asas tão azuis, cor do céu! Então lembrou-se de dar-me esses laços...

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Assentam-me tão bem, não é verdade?

Margarida

Sim; mas não sei para que te foste vestir e pentear a esta hora; já está escuro para chegares à janela.

Carolina

Foi para experimentar o meu vestido novo, mãezinha... Quis ver como hei de ficar quando formos domingo ao Passeio Público...

Margarida

Ora, ainda hoje é terça-feira.

Carolina

Que mal faz!

Margarida

Está bom, vai aprontar a obra; a moça não deve tardar. É verdade!

CENA 2

MARGARIDA E ANTÔNIO

Margarida

Não sei o que tem esta nossa filha! As vezes anda tão distraída...

Antônio

Quantos são hoje do mês, Margarida?

Margarida

Pois não sabes? Vinte e seis.

Antônio, contando pelos dedos

Diabo! Ainda faltam quatro dias para acabar! Precisava receber uns cobres que tenho na mão do mestre e só no fim da semana... Que maçada!

Margarida

Não te agonies, homem! O dinheiro que deste ainda não se acabou; e hoje mesmo aquela moça deve vir buscar os vestidos que mandou fazer por Carolina.

Antônio

Quanto ela tem de dar?

Margarida

Três vestidos a cinco mil-réis... Faz a conta.

Antônio

Quinze mil-réis, não é?

Margarida

Quinze justos. Já vêes que não nos faltará dinheiro; podes dormir descansado que amanhã terás o teu vinho ao almoço.

Antônio

Azas de um anjo

Ora Deus! Quem te fala agora em vinho? Não é para ti, nem para mim, que preciso de dinheiro. (Margarida acende a vela com fósforos)

Margarida

Para quem é então, homem?

Antônio

Para Carolina.

Margarida

Ah! Queres fazer-lhe um presente?

Antônio

Tens idéias! Não!... Sim!... (Rindo) É um presente que ela há de estimar.

Margarida

Não; sim... Explica-te, se queres que te entenda.

Antônio

Lá vai. Há muitos dias que ando para te falar nisto; mas gosto de negócio dito e feito. Estive a esperar o fim do mês pela razão que sabes, do dinheiro; e o fim do mês sem chegar. Enfim hoje, já que tocamos no ponto, vou contar-te tudo.

(Chega-se à porta da esquerda)

Margarida

Carolina está lá dentro; podes falar.

Antônio

Não reparaste ainda numa coisa?

Margarida

Em quê?

Antônio

Nos modos de Luís com a pequena. Como ele a trata.

Antônio

Justamente; e tú não achas que isto quer dizer alguma coisa?

Margarida

Quer dizer que Luís é um rapaz sisudo e trabalhador.

Antônio

Só?... Mais nada!

Margarida

Não sei que mais se possa ver em uma coisa tão natural.

Antônio

Escuta, Margarida, tu te lembras quando eu era aprendiz de marceneiro, e que te via em casa de teu pai, que Deus tenha em sua glória. Tu te lembras? Também te tratava sério...

Margarida

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Então pensas que Luís tem o mesmo motivo?...

Antônio

Penso; e eu cá sei o que penso.

Margarida

Descobriste alguma coisa?

Antônio

Oh! se descobri! Um companheiro lá da tipografia muito seu amigo me contou que ele tinha uma paixão forte por uma moça que se chama Carolina.

Margarida

Ah! Anda espalhando!...

Antônio

Não estejas já a acusar o pobre rapaz; ele não disse a ninguém. Um dia no trabalho... Mas tu sabes como é o trabalho dele?

Margarida

Não; nunca vi.

Antônio

Nem eu; porém disseram que é fazer com umas letras de chumbo o mesmo que escreve o homem do jornal. Pois nesse dia, Luís que estava com o juízo cá na pequena, que havia de fazer?...

Margarida

O quê?

Antônio

Em vez do que estava escrito deitou Carolina, Carolina, Carolina... Uma folha cheia de Carolinas, mulher! No dia seguinte a nossa filha andava com o jornal por essas ruas!

Margarida

Santa Maria! Que desgraça, Antônio!

Antônio

Espera, Margarida; ouve até o fim. Tem lá um homem, o contramestre da tipografia, que se chama revisor; assim que ele viu a nossa filha, quero dizer o nome, pôs as mãos na cabeça; houve um grande barulho; mas como o rapaz é bom trabalhador acomodou-se tudo. É daí que o companheiro soube e me disse.

Margarida

Psiu!... Aí vem ela.

Antônio

Melhor! Acaba-se com isto de uma vez.

Margarida

Não lhe fales assim de repente.

Antônio

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Por quê? Gosto de negócio dito e feito.

Margarida

Mas Antônio...

Antônio

Não quero ouvir razões.

(Entra Carolina com uma pequena bandeja cheia de vestidos)

CENA 3

OS MESMOS E CAROLINA

Carolina

Ainda cose mãezinha? Isto cansa-lhe a vista.

Margarida

Estou acabando; pouco falta.

Antônio

Vem cá. Tenho que te dizer uma coisa.

Carolina

Ah! Quer ralar comigo, não é?

Antônio

E muito, muito; porque ainda hoje não te vieste sentar perto de mim como é teu costume para me contares uma dessas histórias bonitas que lês no jornal de Luís.

Carolina

Estive trabalhando; mas agora... Aqui estou. Quer saber as novidades?

Antônio

Não; hoje sou eu que te vou contar uma novidade; mas uma novidade...

Carolina

Qual é? Quero saber.

Antônio

Já estás curiosa! Quanto mais me adivinhasses...

Carolina

Ora diga!

Antônio

Esta mãozinha pequenina que escreve e borda tão bem, precisa de outra mão forte que trabalhe e aperte ela assim.

Carolina

Que quer dizer, meu pai?

Antônio

Não te assustes. As moças hoje já não se assustam quando se lhes fala em casamento.

Carolina

Casamento!... Eu, meu pai?... Nunca!...

Antônio

Então hás de ficar sempre solteira?

Carolina

Mas eu não desejo casar-me agora. Mãezinha, eu lhe peço!...

Margarida

Ninguém te obriga; ouve o que diz teu pai; se não quiseses, está acabado. Não é assim, Antônio?

Antônio

De certo. (à Carolina) Tu bem sabes que eu não faço nada que não seja do teu gosto.

Carolina

Pois não me fale mais de casamento. Fico logo triste.

Margarida

Por que, Carolina? É com a idéia de nos deixares?

Carolina

Sim, mãezinha; vivo tão bem aqui.

Antônio

Pois continuarás a viver: Luís mora conosco.

Carolina

Como, meu pai!... É ele... É Luís que...

Antônio

É ele que eu quero dar-te por marido. Gosta muito de ti e além disto é teu parente.

Carolina

Meu Deus!

Margarida

Tu não podes achar um moço mais bem comportado e trabalhador.

Antônio

E que há de ser alguma coisa, porque tem vontade, e quando se mete em qualquer negócio vai adiante. Pobre como é, estuda mais do que muito doutor.

Carolina

Eu sei, meu pai. Tenho-lhe amizade, mas amor... não!

Antônio

Pois é o que basta. Quando me casei com tua mãe ela não sabia que história era essa de amor; e nem por isso deixou de gostar de mim, e ser uma boa mulher.

Margarida

Azas de um anjo

Entretanto, Antônio, não há pressa; Carolina há de fazer dezoito anos pela Páscoa.

Carolina

É verdade, mãezinha; sou muito moça; posso esperar...

Antônio

Esperar!... Não entendo disto; quero as coisas ditas e feitas. Tu tens amizade a teu primo; ele te paga na mesma moeda; portanto só falta ir à igreja. Domingo...

Carolina

Meu pai!... Por quem é!...

Margarida

Ouve, Antônio; é preciso também não fazer as coisas com precipitação.

(Luís aparece)

Antônio

Não quero ouvir nada. Domingo... está decidido.

Carolina

Ah! Mãezinha, defenda sua filha!...

Margarida

Que posso eu fazer, Carolina? Tu não conheces o gênio do teu pai!! Quando teima...

Antônio

Não é teima, mulher. Luís há de ser um bom marido para ela. Se não fosse isto não me importava. Quero-lhe tanto bem como tu!

Carolina (chorando)

Se me quisesse bem não me obrigava...

Antônio

É escusado começares com choradeiras; não adiantam; o casamento sempre se há de fazer.

CENA 4

OS MENINOS E LUIZ

Luiz

Não, Antônio.

Carolina

Meu primo!

Antônio

Oh! Estavas ahi, rapaz? Chegaste a propósito. Mas, que queres tu dizer?

Margarida

Ele não aceita.

Antônio

Espera, Margarida!... Fala, Luiz.

Luiz

Tratava-se aqui de fazer Carolina minha mulher; mas faltava para isso uma condição indispensável.

Antônio

Qual?

Luiz

O meu consentimento. Não pedi a mão de minha prima, nem dei a entender que a desejava.

Margarida

Mas tu lhe queres bem, Luiz?

Luiz

Eu, Margarida?

Antônio

Sim; tens uma paixão por ela; eu sei.

Carolina

É verdade?

Luiz

Parece-me que desde que moro nesta casa, não sei motivos para me fazerem esta exprobração. Trato Carolina como uma irmã, ela pode dizer se nunca uma palavra minha a fez córar.

Carolina

Não me queixo, Luís.

Luís

Creio, minha prima; e se falo nisto é para mostrar que seu pai se ilude: nunca tive a idéia de que um dia viesse a ser seu marido.

Antônio

Mas então explica-me essa história dos tipos.

Luís

Dos tipos?... Não sei o que quer dizer.

Margarida

Uma noite na tipografia estavas distraído e em lugar de copiar o papel, escreveste não sei quantas vezes o nome de Carolina.

Carolina

O meu nome?... Como, mãezinha?

Antônio (a Luís)

Ainda pretendes negar?

Luís

Mas era o nome de outra moça...

Carolina

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Chama-se Carolina, como eu?

Luís

Sim, minha prima.

Antônio

Pensas muito nessa moça, para distraíres por ela a esse ponto.

Margarida

Com efeito quem traz assim a lembrança de um nome sempre na idéia...

Luís

Que fazer, Margarida? Por mais vontade e prudência que se tenha, ninguém pode arrancar o coração; e nos dias em que a dor o comprime, o nome que dorme dentro dele vem aos lábios e nos trai. Tive naquele dia esse momento de fraqueza; felizmente, não perturbou o sossego daquela que podia acusar-me. Agora mesmo ela ignora que era o seu nome...

Antônio

À vista disso decididamente não queres casar com tua prima?

Luís

Não, Antônio; agradeço mas recuso.

Antônio

Por que razão?

Luís

Porque ela... porque...

Margarida

Já não disse! Não lhe tem amor; gosta de outra.

Carolina

E vai casar com ela!

Antônio

Olha lá; se é este o motivo, está direito; mas se não tens outra em vista, diz uma palavra, e o negócio fica decidido.

Carolina

Meu pai!... Vamos. Sim, ou não?

Luís

Não, amo a outra...

Carolina

Ah!...

Antônio

Está acabado! Não falemos mais nisto.

Carolina

Obrigada; Luís, sei que não mereço o seu amor.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Luís

Tem razão, Carolina: deve agradecer-me.

CENA 5

ANTÔNIO, MARGARIDA E CAROLINA

Antônio

Margarida, tu conheces alguma outra moça na vizinhança que se chame Carolina?

Margarida

Não; mas isto não quer dizer nada: pode ser que aquela de quem Luiz falou more em outra rua.

Antônio

Não acredito.

Carolina

Meu pai deseja por força que Luiz seja meu marido. Ainda cuida que ele gosta de mim.

Antônio

Disto ninguém me tira.

Margarida

Mas, homem, não o ouviste afirmar o contrário?

Antônio

Muitas vezes a boca diz o que o coração não sente.

Carolina

Ora, meu pai, por que motivo ele encobriria?

Antônio

O motivo? Tu és quem pode dizer

(Vai a sair)

Carolina

Eu?...

Margarida

Sabes que mais? Antônio, vieste hoje da loja todo cheio de visões. Que te aconteceu por lá?

Antônio

Eu te digo, mulher. Contaram-me há dias, e hoje tornaram a repetir-me, que um desses bonequinhos da moda anda rondando a nossa rua por causa de alguma menina da vizinhança.

Carolina

Ah!

Margarida

Então foi por isto que assentaste de casar Carolina?

Azas de um anjo

Antônio

Uma menina solteira é um perigo neste tempo. (Saindo)Estes sujeitinhos têm umas lábias!

Margarida

Para aquelas que querem acreditar neles. (Pausa. Batem na porta)

Carolina

Estão batendo.

Margarida

Há de ser a moça dos vestidos.

CENA 6

HELENA, MARGARIDA E CAROLINA

Helena

Adeus, menina. Boa noite, Sra. Margarida.

Margarida

Boa noite.

Carolina

Venha sentar-se.

Margarida

Aqui está uma cadeira.

Carolina (baixo, à Helena)

E ele?...

Helena

Espere! (Alto) Então aprontou?

Carolina

Sim, senhora; todos.

Helena

E estão bem cosidos, já se sabe! Feitos por estas mãozinhas mimosas que não nasceram para a agulha, e sim para andarem dentro de luvas perfumadas.

Carolina

Luvas?... nunca tive senão um par, e de retrós.

Margarida

Quem te perguntou por isto agora?

Helena

Não faz mal; porém deixe ver os vestidos.

Carolina

Vou mostrar-lhe.

Margarida

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

É obra acabada às pressas; não pode estar como ela desejava.

Helena

Bem cosidos eles estão; assim me assentem.

Margarida

Hão de assentar. Carolina cortou-os pelo molde da francesa.

Carolina

Apenas fiz um pouco mais decotados como a senhora gosta.

Helena

É a moda.

Margarida

Mas descubrem tanto!

Helena

E por que razão as mulheres não de esconder o que têm de mais bonito?

Carolina

É verdade!...

Helena (a Margarida)

Me dê uma cadeira. (Margarida vai buscar uma cadeira; ela diz baixo à Carolina) Preciso falar-lhe.

Carolina

Sim!

Margarida (dando a cadeira)

Aqui está.

Helena

Obrigada. (Senta-se) Realmente esta menina tem muita habilidade.

Carolina

Mãezinha, Vm. vai lá dentro buscar a minha tesoura? Esqueceu-me abrir uma casa.

Margarida

Não queres a minha?

Carolina

Não; está muito cega.

Margarida

Onde guardaste a tua?

Carolina

No cestinho da costura. (Margarida sai à esquerda. Carolina tira do bolso a tesoura e mostra sorrindo a Helena)

CENA 7

Azas de um anjo

HELENA E CAROLINA

Helena

Eu percebi!...

Carolina

Mas... Por que ele não veio?

Helena

É sobre isto mesmo que lhe quero falar. O Ribeiro mandou dizer-lhe...

Carolina

O quê?...

Helena

Que deseja vê-la só.

Carolina

Como?

Helena

Escuta. Às nove horas ele passará por aqui e lhe falará por entre a rótula.

Carolina

Para quê?

Helena

Está apaixonado loucamente por você; quer falar-lhe; não há senão este meio.

Carolina

Podia ter vindo hoje com a senhora, como costuma. Era melhor.

Helena

O amor não se contenta com estes olhares a furto e esses apertos de mão às escondidas.

Carolina

Mas eu tenho medo. Meu pai pode descobrir; se ele soubesse!...

Helena

Qual! É um instante! O Ribeiro bate três pancadas na rótula; é o sinal.

Carolina

Não! Não! Diga a ele...

Helena

Não diga nada; não me acredita, e vem. Se não falar-lhe, nunca mais voltará.

Carolina

Então deixará de amar-me!...

Helena

E de quem será a culpa?

Carolina

Mas exige uma coisa impossível.

Helena

Não há impossíveis para o amor. Pense bem; lembre-se que ele tem uma paixão...

Carolina

Aí vem mãezinha!

CENA 8

AS MESMAS, MARGARIDA E ARAÚJO

Margarida

Não achei, Carolina; procurei tudo.

Helena

Está bom; já não é preciso. Mando fazer isto em casa pela minha preta.

Araújo (Entrando pelo fundo com um colarinho postiço na mão)

A senhora me apronta este colarinho?

Margarida

A esta hora, Sr. Araújo?

Araújo

Que quer que lhe faça? Um caixeiro só tem de seu as noites. Agora mesmo chego do armarinho, e ainda foi preciso que o amo desse licença.

Margarida

Pois deixe ficar, que amanhã cedo está pronto.

Araújo

Amanhã?... E como hei de ir hoje ao baile da Vestal?

Carolina

Ah!... o senhor vai ao baile?

Araújo

Então pensa que por ser caixeiro não frequento a alta sociedade? Cá está o convite... Mas o colarinho? Ande, Sra. Margarida.

Margarida

Lavar e engomar hoje mesmo?

Araújo

Para as oito horas. Não quero perder nem uma quadrilha. As valsas pouco me importam...

Margarida

O senhor dá-me sempre cada maçada!...

Araújo

Azas de um anjo

Deixe estar que um dia destes trago-lhe uma caixinha de agulhas.

Margarida

Veremos.

CENA 9

ARAÚJO, HELENA E CAROLINA

Carolina, na janela.

Helena

Como está Sr. Araújo?

Araújo

A senhora por aqui... É novidade.

Helena

Também o senhor.

Araújo

Eu sou vizinho; e a Sra. Margarida é minha engomadeira.

Helena

Pois eu moro muito longe; porém mandei fazer uns vestidos para esta menina.

Araújo

Então já não gosta das modistas francesas?

Helena

Cosem muito mal.

Araújo

E dão cada tesourada! Como os alfaiates da Rua do Ouvidor... Mas assim mesmo, a senhora largar-se do Catete à Rua Formosa, em busca de uma costureira!

Helena

Que tem isso?

Araújo

Veio de carro? Está um na porta.

Helena

É o meu.

Araújo

Ahnn... Trata-se agora.

Helena

Sempre fui assim.

Araújo

E quando o amo lhe penhorou os trastes por causa daquela continha?

Helena

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Não me lembro

Araújo

Ah!... Não se lembra!... Pois olhe! Estou agora me lembrando de uma coisa.

Helena

De quê?

Araújo

Lá no armarinho, quando as fazendas ficam mofadas, sabe o que se faz?

Helena

Ora, que me importa isso?

Araújo

Separaram-se umas das outras, para que não passe o mofo.

Helena

Que quer o senhor dizer?

Araújo

Quero dizer que as mulheres às vezes são como as fazendas; e que tudo neste mundo é negócio, como diz o amo.

Helena

Está engraçado!

CENA 10

OS MESMOS E MARGARIDA

Araújo

Acha isso?

Helena

Deixai-me! Adeus, menina!

Carolina

Já vai?

Araújo

O maldito colarinho está pronto?

Margarida

Está quase.

Helena

Mande deitar estes vestidos no carro.

Margarida

Sim, senhora.

Helena, a Carolina

Adeus. (Baixo) Veja lá. Oito horas já deram.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Carolina

Sim!

Helena

Adeus!...(Baixo) Veja lá. Oito horas já deram.

Araújo

Viva!

Helena

Não fique mal comigo.

Araújo

Há muito tempo que conhece esta mulher, D. Carolina?

Carolina

Há um mês.

Araújo

Quem a trouxe cá?...

Carolina

Ninguém; ela precisa de uma costureira.

Araújo (à Margarida)

Olhe que são mais de oito horas!

Margarida

Arre!... Que pressa!...

Araújo

Não se demore! Eu volto já; vou fazer a barba.

CENA 11

LUIZ, ARAÚJO E CAROLINA

Luís

Não sai; quero te dar uma palavra.

Araújo

Depressa, que tenho hoje um baile.

Luís

Espera um momento. (Olhando para CAROLINA) Sempre na janela.

Araújo

Desconfias de alguma coisa?

Luís

Carolina!

Carolina

Ah!...Luís.

Luís

Assustei, minha prima?

Carolina

Não! Estava distraída.

Luís

Desculpe, procurei este momento para falar-lhe porque desejava pedir-lhe perdão.

Carolina

Perdão? De quê?

Luís

Não recusei a sua mão que seu pai me queria dar? Não a ofendi com essa recusa? Uma mulher deve ter sempre o direito de desprezar; o seu orgulho não admite que ninguém a prive desse direito.

Carolina

Não me ofendi com a sua franqueza, Luís. (Com ironia) Reconheci apenas que não era digna de pertencer-lhe; outra merece o seu amor!

Luís

Esse amor que eu confessei era mentira.

Carolina

Por que confessou então? Quem o obrigou?

Luís

Ninguém. Menti por sua causa; para poupar-lhe um desgosto.

Carolina

Não o entendo.

Luís

Conhece o caráter do seu pai e sabe que quando ele quer as coisas não há vontade que lhe resista. Para tornar de uma vez impossível esse casamento, para que o meu nome não lhe cause mais tristeza, ouvindo-o associado ao título de seu marido, declarei que amava outra mulher; menti.

Carolina

E que mal havia nisso? Todos não temos um coração.

Luís

É verdade; porém o meu creio que não foi feito para o amor, e sim para a amizade. As minhas únicas afeições estão concentradas nesta casa; fora dela trabalho; aqui sinto-me viver. Um amor estranho seria como uma usurpação dos sentimentos que pertencem aos meus parentes. É por isso que só a sua felicidade me obrigaria a confessar-me ingrato.

Carolina

Não sei em que isso podia influir sobre a minha felicidade.

Azas de um anjo

Luís

Quando se ama...

Carolina

Mas eu não amo.

Luís

Seja franca!

Carolina

Juro!

Luís

Não jure!

Carolina

Onde vai?

Luís

Ouvi bater na janela.

Carolina

Não!... Foi engano.

Luís

Vou ver.

Carolina

Meu primo!...

Araújo (baixo a Luís)

Um sujeito está espiando pela rótula.

Carolina (na rótula, baixo e para fora)

Espere!

Araújo (a Luís)

Sabes quem é?

CENA 12

OS MESMOS E MARGARIDA

Luís

Sei, ela o ama.

Araújo

E tu consentes?

Luís

Que posso fazer? Se o ofendesse ela me odiaria. Antes indiferença.

Carolina

Não era ninguém... O vento...

Luís (a Araújo)

Mente!

Margarida

Aqui tem; foi enxuto a ferro.

Araújo

A senhora é a pérola das engomadeiras. Vou-me vestir; anda, Luís.

Margarida (a Luís)

Estás hoje de folga?

Luís

Não; volto à tipografia.

Margarida

Então quando saíres cerra a porta.

Luís

Sim. Até amanhã minha prima.

Carolina

Adeus.

Margarida

Tu não vens, Carolina?

Margarida

Já vou, mamãezinha; deixe-me tirar meus grampos.

CENA 13

CAROLINA E RIBEIRO

(Luiz saindo fecha a porta do fundo. Carolina ficando só apaga a vela, Ribeiro salta na sala).

Carolina

Meu Deus!...

Ribeiro

Carolina... Onde estás?... Não me queres falar?

Carolina

Cale-se; podem ouvir.

Ribeiro

Por isso mesmo; não desperdicemos estes curtos momentos que estamos
sós.

Carolina

Tenho medo.

Azas de um anjo

Ribeiro

De quê? De mim?

Carolina

Não sei!

Ribeiro

Tu não me amas, Carolina! Senão havias de ter confiança em mim; havias de sentir-te feliz como eu.

Carolina

E o meu silêncio aqui não diz tudo? Não engano meu pai para falar-lhe?

Ribeiro

Tu não sabes! O coração duvida sempre da ventura. Dize que me amas. Dize, sim!

Carolina

Para quê?

Ribeiro

Eu te suplico! Já não lhe confessei tantas vezes que lhe...

Ribeiro

Assim não quero. Há de ser: eu te...

Carolina

Eu te amo. Está contente?

Ribeiro

Obrigado.

Carolina

Agora adeus. Até amanhã.

Ribeiro

Separarmo-nos! Depois de estar uma vez perto de ti, de saber que tu me amas? Não, Carolina.

Carolina

Mas é preciso.

Ribeiro

Tu és minha. Vamos viver juntos.

Carolina

Sempre?

Ribeiro

Sempre! Sempre juntos!

Carolina

Como?

Ribeiro

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Vem comigo; o meu carro nos espera.

Carolina

Fugir!

Ribeiro

Fugir? não; acompanhar aquele que te adora.

Carolina

É impossível!

Ribeiro

Vem, Carolina!

Carolina

Não! Não! Deixe-me!

Ribeiro

Ah! É esta a prova do amor que me tem! Adeus! Esqueça-se de mim. Nunca mais nos tornaremos a ver.

Carolina

Mas posso abandonar minha mãe? Não posso!

Ribeiro

Eu acharei outras que me amem bastante para me fazerem esse pequeno sacrifício.

Carolina

Outras que não terão suas famílias.

Ribeiro

Mas que terão um coração.

Carolina

E eu não tenho?

Ribeiro

Não parece.

Carolina

Antes não o tivesse.

Ribeiro

Adeus.

Carolina

Até amanhã. Sim?

Ribeiro

Para sempre.

Carolina

Amanhã... Talvez...

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Ribeiro

Deve ser hoje, ou nunca.

Carolina

E minha mãe?

Ribeiro

É uma separação de alguns dias.

Carolina

Mas ela me perdoará?

Ribeiro

Vendo sua filha feliz...

Carolina

Que dirão minhas amigas?

Ribeiro

Terão inveja de ti.

Carolina

Por quê?

Ribeiro

Porque serás a mais bela moça do Rio de Janeiro.

Carolina

Eu?

Ribeiro

Sim! Tu não nasceste para viver escondida nesta casa, espiando pelas frestas da rótula, e cosendo para a Cruz. Estas mãos não foram feitas para o trabalho, mas para serem beijadas como as mãos de uma rainha.(Beija-lhe as mãos) Estes cabelos não devem ser presos por laços de fitas, mas por flores de diamantes. (Tira os laços de fita e joga-os fora) Só a cambraia e a seda podem roçar sem ofender-te essa pele acetinada.

Carolina

Mas eu sou pobre!

Ribeiro

Tu és bonita, e Deus criou as mulheres belas para brilharem como as estrelas. Terás tudo isso, diamantes, jóias, sedas, rendas, luxo e riqueza. Eu te prometo!... Quando apareceres no teatro, deslumbrante e fascinadora, verás todos os homens se curvarem a teus pés; um murmúrio de admiração te acompanhará; e tu, altiva e orgulhosa, me dirás em um olhar: "Sou tua".

Carolina

Tua noiva?

Ribeiro

Tudo, minha noiva, minha amante. Depois iremos esconder a nossa felicidade e o nosso amor num teatro delicioso. Oh! se soubesses como a vida é doce no meio do luxo, em companhia

de alguns amigos, junto daqueles que se ama, e à roda de uma mesa carregada de luzes e de flores!... O vinho espuma nos copos e o sangue ferve nas veias; e os olhares queimam como fogo; os lábios que se tocam, esgotam ávidos o cálice de champanhe como se fossem beijos em gotas que caíssem de outros lábios... Tudo fascina; tudo embriaga; esquece-se o mundo e suas misérias. Por fim as luzes empalidecem, as cabeças se reclinam; e a alma, a vida, tudo se resume em um sonho.

Carolina

Mas o sonho passa...

Ribeiro

Para voltar no dia seguinte, no outro e sempre.

Carolina

Eu também tenho meus sonhos; mas não acredito neles.

Ribeiro

E que sonhas tu, minha Carolina?

Carolina

Vais zombar de mim!

Ribeiro

Não; conta-me.

Carolina

Sonho com o mundo que não conheço! Com esses prazeres que nunca senti. Como deve ser bonito um baile! Como há de ser feliz a mulher que todos olham, que todos admiram! Mas isto não é para mim!

Ribeiro

Tu verás!... Vem! A felicidade nos chama.

Carolina

Espera.

Ribeiro

Que queres fazer?

Carolina

Rezar! Pedir perdão a Deus.

Ribeiro

Pedir perdão de quê? O amor não é um crime.

Carolina

Meu Deus!... E minha mãe?

Ribeiro

Vem, Carolina.

CENA 14

Azas de um anjo

OS MESMOS E LUIZ

Carolina

Ah!

Ribeiro

Quem é este homem?

Carolina

Meu primo!...

Luiz

Não pense que é um rival que vem disputar-lhe sua amante. Não, senhor! Há pouco recusei a mão da minha prima que seu pai me oferecia; não a amo. Mas sou parente e devo ampara-la no momento em que vai perde-se para sempre.

Ribeiro

Não tenho medo de palavras; se quer um escândalo...

Luís

Está enganado! Se quisesse um escândalo e também uma vingança bastavame uma palavra; bastava chamar seu pai. Mas eu sei que não é a força que dobra o coração; eu temo que minha prima odeie algum dia em mim o homem que ela julgará autor de sua desgraça.

Ribeiro

O que deseja então?

Luís

Desejo tentar uma última prova. O senhor acaba de falar a esta menina a linguagem do amor e da sedução; eu vou falar-lhe a linguagem da amizade e da razão. Depois de ouvir-me, ela é livre; e eu juro que não me oporei à sua vontade.

Ribeiro

Ela ama-me! Era por sua vontade que me seguia!

Luís

Ela ama-o, sim; mas ignora que este amor é a perdição; que ela vai sacrificar a um prazer efêmero a inocência e a felicidade. Não sabe que um dia a sua própria consciência será a primeira a desprezá-la, e a envergonhar-se dela.

Carolina

Luís!

Ribeiro

Não acredites.

Luís

Acredite-me, Carolina. Falo-lhe como um irmão. Esses brilhantes, esse luxo, que há pouco o senhor lhe prometia, se agora brilham a seus olhos, mais tarde lhe queimarão o seio, quando conhecer que são o preço da honra vendida!

Carolina

Por piedade! Cale-se, meu primo! Depois a beleza passará, porque a beleza passa depressa no meio das vigílias; então ficará só, sem amigos, sem amor, sem ilusões, sem esperanças: não terá para acompanhá-la senão o remorso do passado.

Ribeiro

Tu sabes que eu te amo, Carolina.

Luís

Eu também... a estimo, minha prima.

Ribeiro

Vem! Seremos felizes!

Carolina

Não!... Não posso!

Ribeiro

Por quê?... Há pouco não dizias que eras minha?

Carolina

Sim...

Ribeiro

A uma palavra deste homem, esqueces tudo?

Carolina

Não esqueço, mas...

Ribeiro

Sei a causa. Se ele não chegasse, eu era o preferido; mas entre os dois, escolhe aquele que talvez já tem direito sobre sua pessoa.

Carolina

Direitos sobre mim?

Luís

Já lhe disse que não amava essa moça.

Ribeiro

Negar em tais casos é um dever. Adeus; seja feliz com ele.

Carolina

Com ele!... Mas eu não o amo!

Ribeiro

Já lhe pertence.

Carolina

Luís? Eu lhe suplico! Diga que é uma falsidade!

Luís

Eu juro!

Azas de um anjo

Ribeiro

Não creio em juramentos!

Carolina

Oh! não!

Margarida (de dentro)

Carolina!

Carolina

Minha mãe!

Luís

Margarida!

Carolina

Ah! Estou perdida!

(Desfalece nos braços de Ribeiro)

Luís

Silêncio!

(Vai fechar a porta. Ribeiro aproveita-se deste momento e sai,

levando Carolina nos braços)

CENA 15

LUIZ E MARGARIDA

Luís

Ah!...

(Corre à janela; ouve-se partir um carro; volta com desespero; vê os laços de fita, apanha-os e beija)

Margarida

Carolina! ...Que é isto, Luís?

Luís (mostrando as fitas)

São as asas de um anjo, Margarida; ele perdeu-as, perdendo a inocência.

Margarida

Minha filha!

FIM DO PRÓLOGO

ATO PRIMEIRO

CENA 1

Salão de um Hotel. Pequenas mesas à direita e à esquerda: no centro uma preparada para quatro pessoas.

PINHEIRO, HELENA E JOSÉ

Helena

Ainda não chegaram.

Pinheiro

Não há tempo, José, prevenirás o Ribeiro, logo que ele chegue, de que estamos aqui.

José

Sim, senhor.

Helena

O champagne já está gelado?

José

Já deve estar. Que outros vinhos há de querer, Sr. Pinheiro?

Pinheiro

Os melhores.

Helena

Eu cá não bebo senão champagne.

Pinheiro

Por espírito de imitação. Ouviu dizer que era o vinho predileto das grandes lorettes de Paris.

Helena

Não gosto de Francezes.

Pinheiro

Pois eu gosto bem das Francezas.

Helena

Faz bem! Nós é que temos a culpa! Se fossemos como algumas que a ninguém têm amor!...

Pinheiro

Qual! Santo de casa não faz milagres.

José

Já viu uma dançarina que chegou pelo paquete?

Pinheiro

A que está no hotel da Europa?

José

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Não; está aqui no número 8.

Helena

Alguém lhe pediu notícias dela?

José (rindo)

O Sr. Pinheiro gosta de andar ao facto dessas coisas.

CENA 2

PINHEIRO E HELENA

Helena

Como esteve maçante o teatro hoje!

Pinheiro

Como sempre.

Helena

Não sei que acham esses sujeitinhos na Stoltz! Não tem anda de bonita!

Pinheiro

É prima-dona!

Helena

Sabes quem deitou muito o óculo para mim? O Araújo.

Pinheiro

Ah! Está apaixonado por ti?

Helena

E por que não? Outros melhores têm-se apaixonado!

Pinheiro

Isso é verdade!

Helena

Ah! Já confessa!... Mas dizem que o Araújo agora está bem?

Pinheiro

É guarda-livros de uma casa inglesa.

Helena

Foi feliz; eu conheci-o caixeiro de armarinho.

Pinheiro

Escuta, Helena; tenho uma coisa a dizer-te.

Helena

O quê?... Temos arrufos?...

Pinheiro

Estou apaixonado pela Carolina.

Helena

Já me disseste.

Pinheiro

Julgaste que era uma brincadeira! Mas é muito sério. Estou disposto a tudo para conseguir que ela me ame.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Helena

Por isso é que já não fazes caso de mim?

Pinheiro

Ao contrário; é de ti que eu mais espero.

Helena

De mim?

Pinheiro

Não me recusarás isto!

Helena

Ah! Julgas que a minha paciência chega a este ponto?

Pinheiro

Foste tu que protegeste o Ribeiro.

Pinheiro

Sim; mas o Ribeiro não era meu amante, como o senhor!

Pinheiro

Ora, deixa-te disso! Queres fazer de ciumenta! Que lembrança!...

Helena

Não julgue os outros por si.

Pinheiro

Olha! A Carolina gosta de mim, e...

Helena

E mais cedo ou mais tarde devo ceder-lhe o meu lugar?

Pinheiro

Desde que nada perdes...

Helena

É o que te parece.

Pinheiro

Eu continuarei a ser o mesmo para ti.

Helena

Cuidas que não tenho coração?

Pinheiro

Se eu não soubesse como tu és boa e condescendente, não te pedia este favor.

Helena

Está feito! tu sempre me havias de deixar!... Antes assim!

Pinheiro

Obrigado, Helena.

Helena

Que queres que eu faça?

Pinheiro

Eu te digo. Dei esta ceia ao Ribeiro unicamente para ver se consigo falar à Carolina.

Helena

Ah! nunca lhe falaste?

Pinheiro

Nunca: o Ribeiro não a deixa!

Helena

É verdade: há dois anos que a tirou de casa e ainda gosta dela como no primeiro dia.

Pinheiro

Posso contar contigo?

Helena

Já te prometi. Mas vê esta pulseira? Foi o presente que me fez o Ribeiro. É de brilhantes!...

Pinheiro

Eu te darei um adereço completo.

Helena

Não paga o sacrifício que eu te faço!... esses homens pensam! Se eles dizem que a gente é de mármore!

Pinheiro

Falarás hoje mesmo a ela.

Helena

Falo... Falo...

Pinheiro

Vê se consegues que deixe o Ribeiro.

Helena

Fica descansado. Eu sei o que hei de fazer. Agora vai contar isto aos teus amigos para que eles zombem de mim.

CENA 3

OS MESMOS, JOSÉ, RIBEIRO E CAROLINA

José

Aí está o Sr. Ribeiro com uma senhora. Posso servir?

Pinheiro

Podes.

Helena

Ainda não. Espere um momento.

Pinheiro

Para quê?

Helena

Já te esqueceste?... deve ser antes.

Pinheiro

Ah! Sim!

Ribeiro

Chegaram muito cedo.

Helena

Sáímos antes de acabar o espetáculo.

Ribeiro

Não reparei. Quanto mais depressa acabarmos, melhor.

Pinheiro

A Favorita fez-te fome?

Ribeiro

Alguma: mas além disso preciso recolher-me cedo.

Carolina

Pois eu previno-te que enquanto houver uma luz sobre a mesa e uma gota de vinho nos copos, não saio daqui. Tenho tantas vezes sonhado uma noite como esta, tenho esperado tanto por estas horas de prazer, que pretendo gozá-las até o último momento. Quero ver se a realidade corresponde à imaginação.

Ribeiro

Está bem, Carolina: pode ficar o tempo que quiseres. Não te zangues por isso.

Carolina

Oh! Não me zango! Já estou habituada à vida triste a que me condenaste. Mas hoje...

Helena

Então não vives satisfeita?

Carolina

Não vivo, não, Helena: sabes que me prometeram uma existência brilhante, e me fizeram entrever a felicidade que eu sonhava no meio do luxo, das festas e da riqueza! A ilusão se desvaneceu bem depressa.

Ribeiro

Tu me ofendes com isto, Carolina.

Carolina

Cuidas que foi para me esconderes dentro de uma casa, para olhar de longe o mundo sem poder gozá-lo, que abandonei meus pais? Que sou eu hoje? Não tenho nem as minhas esperanças de moça, que já murcharam, nem a liberdade que sonhei.

Ribeiro

Mas, Carolina, tu bem sabes que eu, se te guardo para mim somente, se tenho ciúme do mundo, é porque te amo: sou avaro, confesso; sou avaro de um tesouro.

Carolina

Não entendo esse amores ocultos que têm vergonha de se mostrarem; isto é bom para os velhos e para os hipócritas. Amar é gozar a existência a dois, partilhar seus prazeres e sua felicidade. Que prazeres temos nós que vivemos aborrecidos um do outro? Que felicidade sentimos para darmos-nos mutuamente?

Ribeiro

Está hoje de mau humor.

Carolina

Ao contrário, estou contente! A vista destas luzes, destas flores, desta mesa, destes preparativos de ceia, me alegrou. É assim que eu compreendo o amor e a vida. Na companhia de alguns amigos, vendo o vinho espumar nos copos e sentindo o sangue ferver nas veias. Os olhares queimam como fogo; os seios palpitam, a alma bebe o prazer por todos os poros; pelos olhos, pelos sorrisos, nos perfumes, e nas palavras que se trocam!

Helena

Bravo! Como estás romântica!

Carolina

Oh! Tu não fazes idéia! Meu espírito tem revoado tantas vezes em torno dessa esperança, que vendo-a prestes a realizar-se, quase enlouqueço. Outrora dei por ela a minha inocência; hoje daria a minha vida inteira! (Ribeiro e Pinheiro conversam à parte)

Helena

Pois olha! Tens o que desejas bem perto de ti.

Carolina

Não entendo.

Helena

Deixa-te ficar e verás.

Carolina

Azas de um anjo

Mas escuta!

Helena

Depois; não percas tempo.

Carolina

Já perdi dois anos!

Ribeiro

Foste injusta comigo, Carolina. Não acreditas que te amo, ou já não me amas talvez!
Confessa!

Carolina

Não sei.

Ribeiro

Dize francamente.

Carolina

Como está quente a noite! Abre aquela janela. (Ribeiro vai abrir a janela do fundo; Helena que falava baixo a Pinheiro, dirige-se a ele, e ambos conversam recostados à grade e voltados para a rua)

CENA 4

CAROLINA E PINHEIRO

Pinheiro

Eu lhe agradeço, Carolina.

Carolina

O que, senhor Pinheiro?

Pinheiro

A satisfação que me causaram suas palavras. Não pensava, dando esta ceia, que ia realizar um desejo seu.

Carolina

Ah! é verdade! Mas sou eu então que lhe devo agradecer.

Pinheiro

Faça antes outra coisa.

Carolina

O quê?

Pinheiro

Faça que o acaso se torne uma realidade; que esta noite de esperança se transforme em anos de felicidade. Aceite o meu amor.

Carolina

Para fazer o que dele?

Pinheiro

O que quiser; contanto que me ame um pouco, sim?

Carolina

Não.

Pinheiro

Por quê?

Carolina

Amor por amor, já tenho um; e este, ao menos é primeiro.

Pinheiro

O meu será o segundo e eu procurarei torná-lo tão belo, tão ardente que já não tenha mais inveja do primeiro.

Carolina

Já me iludiram uma vez essas promessas, quando eu ainda via o mundo com os olhos de menina, hoje não creio mais nelas.

Pinheiro

Azas de um anjo

Não tem razão.

Carolina

Oh! se tenho! O senhor diz agora que me ama, por mim, para fazer-me feliz, para satisfazer os meus desejos, os meus caprichos, as minhas fantasias. Se eu acreditasse nessas belas palavras, sabe o que aconteceria?

Pinheiro

Me daria a ventura!

Carolina

Sim, mas ficaria o que sou. No momento em que lhe pertencesse, tornarme-ia um traste, um objeto de luxo; em vez de viver para mim, seria eu que viveria para obedecer às suas vontades. Não; no dia em que a escrava deixar o seu primeiro senhor, será para reaver a liberdade perdida.

Pinheiro

Não é livre então? Não pode amar aquele que preferir?

Carolina

Para uma mulher ser livre é necessário que ela despreze bastante a sociedade para não se importar com as suas leis; ou que a sociedade a despreze tanto que não faça caso de suas ações. Eu não posso ainda repelir essa sociedade em cujo seio vive minha família; há alguns corações que sofreriam com a vergonha da minha existência e com a triste celebridade do meu nome. É preciso sofrer até o dia em que me sinta com bastante coragem para quebrar esses últimos laços que me prendem. Nesse dia, se houver um homem que me ame e que me ofereça a sua vida, eu a aceitarei; porém como senhora.

Pinheiro

E por que este dia não será hoje? Diga uma palavra! uma só...

Carolina

Hoje?...Não!... Talvez amanhã.

Pinheiro

Promete?

Carolina

Não prometo nada. Vamos cear. Anda. Helena! Ribeiro!... Deixem-se de conversar agora.

Pinheiro

José, serve-nos.

CENA 5

OS MESMOS, RIBEIRO, HELENA E MENEZES

Ribeiro

É mais de meia-noite.

Helena

Um dia não são dias, Sr. Ribeiro; amanhã dorme-se até às duas horas da tarde.

Carolina

Justamente as horas que eu passo mais aborrecida.

Helena

Tu me pareces outra. Achaste o que procuravas?

Carolina

Ainda não.

Helena

És difícil de contentar.

Pinheiro

Adeus, Meneses. Queres cear conosco?

Meneses

Muito obrigado.

Pinheiro

Não faças cerimônia.

Meneses

Tu és que estás usando de etiquetas. Onde vieste usar um quinto parceiro para jogar uma partida de voltarete?

Ribeiro

Ah! É por isso que não aceitas?

Meneses

De certo! Nesta espécie de ceias, a regra é nem menos de dois, nem mais de quatro; um quinto transtorna a conta, a menos que não seja um zero. Ora, eu não gosto de ser nem importuno, nem... Vieirinha!...

Pinheiro

Deixa-te disso; vem cear.

Meneses

É escusado insistires.

Ribeiro

Azas de um anjo

Pois não sabes o que perdes.

Meneses

Não; mas sei quanto ganho.

CENA 6

OS MESMOS, LUIZ, ARAÚJO E JOSÉ

Pinheiro

Podemos ir-nos sentando.

Araújo

Tu não és capaz de adivinhar quem eu vi esta noite no teatro.

Luís

Alguma tua apaixonada?

Araújo

Não tenho... Uma pessoa que te fez bastante mal.

Luís

Quem?

Araújo

Lembras-te daquela mulher que mandava fazer costuras...

(Vendo Carolina, aperta o braço de Luís) oh!

Luís

Ela!...

Araújo

Não faças estaladas. Finge que não a vês; é o melhor.

Luís

Adeus. Não posso ficar aqui.

Araújo

Deixa-te disso, Luís. Nada de fraquezas!

Luís

Mas a sua presença é uma tortura.

Araújo

Come alguma coisa: é o melhor calmante para as dores morais. Tenho estudado a fundo a fisiologia das paixões e estou certo que o coração está no estômago quando não está na algibeira.

Meneses

Araújo!

Araújo

Oh! Não te tinha visto.

Meneses

Estiveste no teatro?

Azas de um anjo

Araújo

Estive.

Meneses

Que tal correu a Favorita?

Araújo

Bem; por que não foste?

Meneses

Tinha uma partida a que não podia faltar.

Pinheiro

Anda mais depressa, José!

José

Pronto! Uma mayonnaise soberba!

Helena

De quê?

José

De salmão?

(Durante este último diálogo, Carolina tira as luvas e o mantelete, que vai deitar no sofá à direita; Luís ergue-se. O trecho seguinte da cena é dito à meia-voz)

Carolina

Luís.

Luíz

Silêncio!

Carolina

Não me quer falar, meu primo?

Luís

Com que direito os lábios vendidos profanam o nome do homem honesto que deve a posição que tem ao seu trabalho? Com que direito a moça perdida quer lançar a sua vergonha sobre aqueles que ela abandonou?

Carolina

Não me despreze, Luís.

Luís

Não a conheço.

Carolina

Tem razão. Esqueci-me que estou só neste mundo; que não me resta mais nem pai, nem mãe, nem parentes, nem família. O senhor veio lembrar-me! Obrigada.

Luís

Minha prima!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Carolina

Sua prima morreu!

(Volta-lhe as costas)

Helena

Vem, Carolina!

Ribeiro

Quem é este moço com quem conversavas?

Carolina

Não sei.

Ribeiro

Não o conheces?

Carolina

Nunca o vi.

Ribeiro

Mas falavas com ele?

Carolina

Pedia-me notícias de uma amiga minha que já é morta.

Ribeiro

Não estejas com estas idéias tristes. Anda; estão nos esperando.

Araújo

José, traz-nos alguma coisa.

José

O que há de ser?

Araújo

O que vier mais depressa.

Meneses

E a mim, quanto tempo queres fazer esperar?

José

O que deseja, senhor Meneses?

Meneses

Desejo o que tu não tens; dize-me antes o que há.

José

Quer uma costeleta de carneiro?

Meneses

Vá feito.

Azas de um anjo

Araújo (a Luís)

Sabes do que estou lembrando? Daquelas noites em que ceávamos juntos na Águia de Prata, há dois anos, quando tu me falavas do teu amor. Naquele tempo não tínhamos dinheiro, nem freqüentávamos os hotéis. Eras compositor e eu caixeiro de armarinho na Rua do Hospício.

Luís

E hoje somos mais felizes? Adquirimos uma posição bonita, que muitos invejam, mas perdemos tantas esperanças que naqueles tempos nos sorriam!

Araújo

Vais cair nos sentimentalismos! A esta hora é perigoso.

Luís

Dizes bem! Há certas ocasiões em que é preciso rir para não chorar. (a José). Uma garrafa de cerveja.

José

Preta ou branca?

Araújo

Amarela!

CENA 7

OS MESMOS E VIEIRINHA

Vieirinha

Só o Meneses não estaria por aqui!

Meneses

Sigo o teu exemplo.

Vieirinha

Não quiseste ir hoje ao lírico?

Meneses

Tive que fazer.

Vieirinha

Pois esteve bom; havia muita moça bonita. A Elisa lá estava.

Meneses

Então já se sabe... Tiveste serviço?

Vieirinha

Não lhe dei corda! ocupei-me com outra pessoa... Mas esta tu não conheces.

Meneses

É nova?

Vieirinha

Negócio de quinze dias; porém já está adiantado.

Meneses

Ainda não te escreveu?

Vieirinha

És curioso.

Pinheiro

Vieirinha!

Vieirinha

Adeus, Pinheiro!... Mas como está isto florido!

Pinheiro

Vem cear conosco.

Vieirinha

Aceito. Como estás, Ribeiro?

Ribeiro

À tua saúde!

Azas de um anjo

Pinheiro

E dos teus amores.

Vieirinha

Quais?

Meneses

São tantos, que nem se lembra!

Araújo

Quem é este conquistador?

Meneses

Nunca o viste?

Araújo

Não.

Meneses

Admira! É um desses sujeitos que vivem na firme convicção de que todas as mulheres o adoram; isto o consola do pouco caso que dele fazem os homens.

Araújo

Então é um fátuo?

Meneses

Pois não! É um homem feliz; vai a um teatro e a um baile; acha bonita uma mulher, solteira, viúva ou casada; persuade-se que ela o ama; e no dia seguinte com a maior boa fé revela esse segredo a alguns amigos bastante discretos para só contarem aos seus conhecidos.

Araújo

E é nisso que se ocupam?

Meneses

Achas que é pouco?

Vieirinha

Uma saúde! Mas há de ser de virar.

Helena

A quem?

Vieirinha

À mulher que compreende o amor.

Carolina

Pois eu bebo à mulher que compreende o prazer.

Pinheiro

Bravo! Muito bem!

Helena

Não bebe, senhor Ribeiro?

Ribeiro

Eu bebo à minha saúde.

Helena

E eu à segunda.

Vieirinha

E eu a ambas.

Pinheiro

José, pede permissão a estes senhores para oferecer-lhes um copo de champagne. Espero que me façam o obséquo de acompanhar a nossa saúde. Vamos, Meneses!

Meneses

Qual é a saúde?

Carolina

À mulher que ama o prazer.

Meneses

Vá lá!

Pinheiro

Os senhores não bebem?

Araújo

Eu agradeço.

Pinheiro

E o senhor Viana?

Luís

Eu proponho outra saúde: "ao prazer e àqueles que para gozá-lo sacrificam tudo!"

Pinheiro

É a melhor!

Luís

E a mais verdadeira. Se os senhores me permitem, eu lhes contarei uma pequena história que os há de divertir.

Vieirinha

Com muito gosto.

Meneses

Venha a história.

Luís

O senhor pode aproveitá-la para um dos seus folhetins, quando lhe falte matéria.

Meneses

Azas de um anjo

Fica ao meu cuidado.

Vieirinha

Mas não a apliques a ti, conforme o teu costume.

Meneses

Se for uma história de amor, está visto que hás de ser tu o meu herói.

Luís

É uma história de amor. Passou-se há dois anos.

Pinheiro

Aqui na corte?

Luís

Na Cidade Nova. Vivia então no seio de sua família uma moça pobre, mas honrada. Tinha dezoito anos; era linda... como... uma senhora que está a seu lado, Sr. Ribeiro.

Ribeiro

Em que rua morava?

Luís

Não me lembro. Seu pai e sua mãe a adoravam; tinha um primo, pobre artista, que a amava loucamente.

Carolina

A amava?...

Luís

Sim, senhora. Era ela quem lhe dava a ambição; era esse amor que o animava no seu trabalho, e que o fazia adquirir uma instrução que depois o elevou muito acima do seu humilde nascimento. Mas sua prima o desprezou, para amar um moço rico e elegante.

Araújo (baixo)

Vais trair-te.

Luís

Não importa.

Pinheiro

Continue, senhor Viana.

Helena

Eu acho melhor que se faça uma saúde cantada.

Vieirinha

Com hipes e hurras!

Carolina

Por quê?... A história do senhor é tão bonita.

Vieirinha

Lá isso não se pode negar! É um perfeito romance.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Luís

Uma noite, no momento em que esse moço entrava, sua prima seduzida por seu amante, ia deixar a casa de seus pais.

Meneses

Oh! Temos um lance dramático.

Luís

Não, senhor; passou-se tudo muito simplesmente. Ele disse algumas palavras severas à sua prima; esta desprezou suas palavras como tinha desprezado o seu amor, e...partiu.

Vieirinha

Como! O sujeito deixou-a partir?

Luís

É verdade.

Carolina

E a amava!...

Meneses

Era um homem prudente.

Luís

Era um homem que compreendia o prazer.

Pinheiro

Não entendo.

Luís

Ele amava essa moça, mas não era amado; nunca obteria dela o menor favor, e respeitava-a muito para pedi-lo. Lembrou-se que, deixando-a fugir, chegaria o dia em que com algumas notas de banco compraria a afeição que não pôde alcançar em troca de sua vida.

Araújo

Como podes mentir assim!

Ribeiro

Não bebas tanto champagne, Carolina. Faz-te mal!

Luís

Esse homem compreendia o mundo, não é verdade?

Vieirinha

Era um grande político.

Meneses

Da tua escola.

Luís

Desde então ele tratou de ganhar dinheiro; precisava não só para satisfazer o seu capricho, como para aliviar a miséria da família daquela moça, que, com a sua loucura, tinha lançado

Azas de um anjo

sua mãe em uma cama, e arrastado o pai ao vício da embriaguez.

Carolina

Ah!...

Ribeiro

Que tens?

Carolina

Uma dor que costume sofrer! Dá-me vinho.

Luís

É justamente o que esse pai fazia. Sentia a dor da perda de sua filha e queria afogá-la com vinho.

Vieirinha

Mau! A história começa a enternecer-me!

Meneses

É bem interessante.

Carolina

Mas falta-lhe o fim.

Meneses

Ah! Tem um fim?

Ribeiro

Carolina!

Carolina

Essa moça... Os senhores desejam conhecê-la?

Vieirinha

De certo.

Carolina

Sou eu!

Pinheiro

A senhora!

Luís (a Araújo)

Está perdida.

Carolina

Sou eu: e espero que chegue o dia em que possas pagar o sacrifício desse amor tão generoso, que desprezei.

Pinheiro

Mas seu primo?...

Carolina

Já o não é.

Meneses

Como se chama?

Carolina

Não sei.

Araújo

José, dá-me a conta.

Meneses

Espera, vamos juntos.

Araújo

Ainda te demoras!

Meneses

Não.

CENA 8

OS MESMOS, JOSÉ E ANTÔNIO

José (na porta)

Ponha-se na rua! Não achou outro lugar para cozinhar a bebedeira?

Antônio (da parte de fora)

Quero beber... Vinho... compro com o meu dinheiro. Eh! Meia garrafa, senhor moço!

José

Vá-se embora, já lhe disse.

Meneses

Que barulho é este, José?

José

É um bêbado. Achou a porta aberta e entrou. Agora quer por força que lhe venda meia garrafa de vinho.

Araújo

Pois mata-lhe a sede.

José

Se ele já está caindo.

Antônio (cantando)

Mandei fazer um balaio

Da casquinha d'um camarão!...

José

Nada! Ponha-se no andar da rua.

Carolina

Deixe-o entrar; talvez nos divirta um pouco. Estou triste.

José

Mas é capaz de quebrar-me a louça.

Pinheiro

Que tem isso? Eu pago o que ele quebrar.

Carolina

É uma fineza que lhe devo.

Ribeiro

Mas não é necessária; tu podes satisfazer a teus caprichos sem recorrer a ninguém.

Antônio

Oh! temos bródio por cá também? Viva a alegria! Toca música! Ta-ra, lalá, ta-ri, to-ri (dança).

Meneses

O homem é diletante como o Vieirinha.

Vieirinha

E engraçado como um artigo teu.

Antônio

Estão se rindo?... Cuidam que estou meio lá, meio cá?

Meneses

Não; faz tanto barulho que vê-se logo que está todo cá.

Antônio

Pois olhe, apenas bebi seis garrafas.

Vieirinha

Não é muito!

Antônio

Não é, não. Mas faltavam-lhe os cobres, senão... Oh! Tanto hei de beber que por fim hei de achar.

Meneses

Achar o quê?

Antônio

Não sabe? Upa!... Pois não sabe?... Eu não bebo porque goste de vinho... Já me enjoa.

Meneses

Por que bebe então?

Antônio

Porque procurôô... eh! Iô... procuro no fundo da garrafa uma coisa que os velhos chamam virtude, e que não se acha mais nesse mundo.

Pinheiro

Eis um Diógenes!...

Helena

Como te chamas?

Antônio

Que te importa o meu nome? Não tenho dinheiro!

Araújo (a Luís, baixo)

Luís! Luís! Olha!

Luís

O quê?

Araújo

Este homem.

Luís

Azas de um anjo

Antônio!...

Araújo

Cala-te!

Meneses

Mas então ainda não achou o que procuravas?

Antônio

Hein?...

Meneses

A virtude...

Antônio

Não existe. No fundo da garrafa só acho o sono. Mas é bom o sono. A gente não se lembra...

Vieirinha

Das maroteiras que fez.

Antônio

A gente vive no outro mundo que não é ruim como este. Oh! é bom o vinho!

Vieirinha

Pois tome lá este copo de champagne.

Antônio

Venha! (Provando) Puah!... não presta! É doce como as falas de certa gente; embrulha-me o estômago! Antes a aguardente que queima!

Meneses

Chegue aqui; diga-me o que você procura esquecer. Sofreu alguma desgraça?

Vieirinha

Queres outra história?

Antônio

Qual história? Não sofri nada! Diverti os outros.

Meneses

Mas conte isso mesmo.

Antônio

Não tem que contar... O trabalhador não deve criar sua filha para os moços da moda?

Meneses

Então sua filha...

Antônio

Roubaram e nem ao menos me deram o que ela valia! Velhacos... Os sujeitinhos hoje estão espertos!

Meneses

Pobre homem!

Antônio

Pobre, não! (Bate no bolso) Veja como tine. (Rindo) A mulher está doente, não trabalha; eu durmo todo o dia, não vou mais à loja; porém Margarida tinha uma cruz de ouro com que rezava. Fui eu, e furtei de noite a cruz, como o outro furtou minha filha, e passei-a nos cobres. Cá está o dinheiro; chega para beber dois dias. Estou rico! Viva a alegria! Olá! senhor moço! Ande com isso!... Meia garrafa!...

Helena (à Carolina)

Vamos para outra sala; não podes ficar aqui. (Erguem-se)

Ribeiro (a José)

Faz já sair este bêbado!

Araújo (a Luís)

Tenho medo do que vai se passar.

Antônio (para Carolina)

Olé! Que peixão! Dê cá este abraço... menina!

Carolina

Meu pai!...(Esconde o rosto)

Antônio

Pai!... Há muito tempo que não ouço esta palavra. Mas quem és tu? Deixa-me ver o teu rosto. Tu pareces bonita. Serás como Carolina? Mas... se não me engano... Sim... Sim... Tu és!

Carolina

Não!

Antônio

Tu és minha filha!

Carolina

É falso!

Antônio

Não foste tu que me falaste há pouco?... aqui... Não me chamaste teu pai?... Carolina!

Carolina

Deixe-me!

Antônio

Vem! Tua mãe me pediu que te levasse.

Carolina

Minha mãe!...

Antônio

Sim, tua mãe... Margarida. Se soubesses... como ela tem chorado... Minha pobre Margarida!

Carolina

Azas de um anjo

Não sei quem é.

Antônio

Não sabes?

Carolina

Não!

Antônio

Tu não sabes?

Carolina

Meu Deus!

Antônio

Esqueceste até o nome de tua mãe?

Carolina

Esqueci tudo.

Antônio

Oh! tens razão! Tu não és minha filha. Nunca foste... Precipita-se sobre ela e a obriga a ajoelhar-se. Ribeiro e Pinheiro protegem Carolina, enquanto Luís segura Antônio pelo braço.

Luís

Antônio!

Antônio

Solta-me, Luís!

Meneses

Não a ofenda! É sua filha!

Antônio

Não: já não é.

Meneses

Mas é ainda uma mulher. Deseja puni-la? Respeite essa vida que a levará de lição em lição até o último e terrível desengano. É preciso que um dia a sua própria consciência a acuse perante Deus, sem que possa achar defesa, nem mesmo na cólera severa, mas justa de um pai.

Araújo

Vamos; vamos, Luís.

Antônio

E ela... fica.

Araújo

Nem lhe responde!

Antônio

Pois sim, fica; se algum dia me encontrares no teu caminho, se o teu carro atirar-me lama à cara, se os teus cavalos me pisarem, não me olhes, não me reconheças. Vê o que tu és, que um

miserável bêbado, que anda caindo pelas ruas, tem vergonha de passar por teu pai!

Luís

Espera, Antônio! Talvez ainda não esteja tudo perdido. Um último esforço! Abre os braços à tua filha!... Olha! Olha!... Não vês que ela chora?

Carolina

Foram as últimas lágrimas... já secaram!... se tivessem caído neste copo, eu beberia com elas à memória do meu passado.

FIM DO PRIMEIRO ATO

Azas de um anjo

ATO SEGUNDO

CENA 1

Sala, em casa de Helena

LUIZ, ARAÚJO E MENEZES

Menezes

Podemos entrar. Nada de cerimônias.

Araújo

Talvez sejamos importunos.

Menezes

Não tenhas receio. Sente-se, Sr. Vianna.

Araújo

E o tal Vieirinha?

Menezes

Que tem? (Na porta) Helena!

Helena (dentro)

Já vou, Sr. Menezes.

Menezes

Está no toilette naturalmente. Esperamos um instante.

Araújo

Não cuidei que se tratasse com tanto luxo! É uma bela casa.

Menezes

Como muitas famílias não a têm; mas assim deve ser quando os maridos roubam a suas mulheres, e os pais a seus filhos para alimentarem essas parasitas da sociedade.

Luiz

Diz bem; a culpa não é delas.

Menezes

Mas, Araújo, sinceramente te confesso que ainda não compreendi o teu empenho!

Araújo

Empenho de que?

Menezes

De conhecer a Helena. Achas bonita?

Araújo

Bonita... Uma mulher que tem os dentes e os cabelos na rua do Ouvidor!

Menezes

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Entretanto entraste hoje de madrugada, quero dizer, às dez hora por minha casa; interrompeste o meu sono do domingo, o único tranqüilo que tem um jornalista; Menezes fizeste sair sem almoço; pagaste um carro; e tudo para que te viesse apresentar a essa velha sem dentes e sem cabelos!

Araújo

Isto se explica por um capricho. Sou um tanto original nas minhas paixões.

Menezes

Então estás apaixonado pela Helena?

Araújo

Infelizmente.

Luiz

Porque não confessa a verdadeira causa? O Sr. Menezes é teu amigo, e embora só há pouco tempo tivesse o prazer de conhece-lo confio bastante no seu character para falar-lhe com franqueza.

Araújo

É o melhor; assim me poupa o descredito de inventar uma paixão bem extravagante.

Menezes

Qual é então a verdadeira causa desta apresentação?

Luiz

Eu lhe digo. Trata-se de salvar uma moça por quem muito me interesso; quero falar-lhe ainda uma vez, tentar os últimos esforços; mas na sua casa é impossível; o Ribeiro guarda-a com um cuidado e uma vigilância excessiva.

Menezes

É a Carolina?

Luiz

Ela mesma. Lembra-se daquela cena que presenciamos no hotel há cerca de um mês?

Menezes

Lembro-me perfeitamente: e parece-me pelo que vi, que os seus esforços serão inúteis.

Araújo

É também a minha opinião. Tenho-lhe dito muitas vezes que a honra de um homem é uma coisa muito preciosa para estar sujeita ao capricho de qualquer mulher, só porque o acaso a fez sua parente.

Luiz

Não é por mim, Araújo, é por ela, que procuro salva-la. Reconheço que é bem difícil; mas resta-me ainda uma esperança: talvez a mãe obtenha pelo amor, aquilo que nem a voz da razão, nem o grito do dever puderam conseguir.

Menezes

Pensa bem, Sr. Vanna.

Luiz

Para isso, porém, é preciso encontra-la só um instante, soube que costuma vir à casa desta mulher que a perdeu e de quem é amiga. Araújo disse-me que o senhor a conhecia; e fomos imediatamente procura-lo. Eis o verdadeiro motivo do incomodo que lhe demos; o Sr. Menezes é homem para o compreender e apreciar.

Menezes

Não se enganou, Sr. Viana; farei o que Menezes for possível.

Luiz

Muito obrigado.

Menezes

Não tem de que; é um dever de todo o homem honesto proteger e defender a virtude que vacila e vai sucumbir ou mesmo ajuda-la a reabilitar-se. Mas devo corresponder à sua franqueza com igual franqueza. Creio que o senhor, e tu mesmo, Araújo, não conhecem bem o terreno em que pisam atualmente.

Luiz

Não, de certo.

Araújo

Quanto a mim estou em país estrangeiro.

Menezes

Pois é preciso o movimento e a orbita desses planetas errantes para acompanha-los na sua rotação. Aqui não se conhece nem um desses objetos como a honra, o amor, a religião, que fazem tanto barulho lá fora. Neste mundo à parte, só há um poder, uma lei, um sentimento, uma religião: é o dinheiro. Tudo se compra e tudo se vende; tudo tem preço.

Luiz

Que miséria, meu Deus!

Menezes

Quem vê de longe este mundo, não compreende o que se passa nele, e não sabe até onde chega a degeneração da raça humana. O oriente desses astros opacos é o luxo; o ocaso é a miséria. Começam vendendo a virtude; vendem depois a sua beleza, a sua mocidade, a sua alma; quando o vício lhes traz a velhice prematura, não tendo já que vender, vendem o mesmo vício e fazem-me instrumentos de corrupção. Quantas não acabam vendendo suas filhas para se alimentarem na desgraça!

Araújo

Tu exageras!.... ninguém se avilta a esse ponto.

Menezes

Não exagero, não. muitas são boas e capazes de um sacrificio; têm coração. Mas de que lhes serve esse traste no mundo em que vivem!

Araújo

Para amar o homem a quem devem tudo.

Azas de um anjo

Menezes

Ele seria o primeiro a escarnacer dela.

CENA 2

OS MESMOS, VIEIRINHA E HELENA

Vieirinha (cantarolando)

Je suis le sire de Framboisy!

Meus senhores!... não se incomodem; estejam a gosto.

Menezes

Adeus. Como vais?

Vieirinha

Bem, obrigado.

Menezes

Que se faz de bom?

Vieirinha

Nada; enche-se o tempo

Helena

Bons dias, Sr. Menezes.

Menezes

Enfim apareceu!

Helena

Desculpe; se me tivesse prevenido da sua visita... mas chega de repente e no momento em que estava me penteando.

Menezes

Tem razão!... aqui lhe trouxe o Sr. Vianna e o Sr. Araújo que muito desejam conhece-la. São meus amigos; isto diz tudo.

Helena

A minha casa está às suas ordens. Estimo muito...

Menezes

Se não me engano, o Sr. Vianna deseja conversar com a senhora; portanto não o faça esperar.

Helena

Fazer esperar é o nosso direito, Sr. Menezes.

Menezes

Quando se trata de amor, mas não quando se trata de um negócio.

Helena

Ah! É um negócio...

Luís

Sim, senhora...

Azas de um anjo

Helena

Pois quando quiser...

Vieirinha

Já almoçaste, Helena?

Helena

Há pouco; mas o almoço ainda está na mesa.

Vieirinha

Com licença, meus senhores.

Luiz Helena conversam no sofá; Meneses e Araújo recostados à janela

CENA 3

MENEZES, ARAÚJO, LUIZ E HELENA

Araújo

Não me dirás que figura faz este Vieirinha no meio de tudo isto?

Meneses

A figura de um desses sagüis com que os moços se divertem. Neste mundo de mulheres, Araújo, existem duas espécies de homens, que eu classifico como animais de penas. Uns são os moços ricos e os velhos viciosos que se arruinam e estragam a sua fortuna para merecerem as graças dessas deusas pagãs; esses se depenam. Os outros são os que vivem das migalhas desse luxo, que comem e vestem à custa daquela prodigalidade; esses se empenam.

Araújo

O Vieirinha pertence a esta última classe.

Meneses

É o tipo mais perfeito. Em todas estas casas encontra-se uma variedade do gênero Vieirinha.

Araújo

Mas por que razão suportam elas esse animal? Será amor?

Meneses

Às vezes é; outras é simples orgulho e vaidade. Esta gente que profana tudo, que faz de tudo, dos sentimentos mais puros uma mercadoria, depois de tanto vender, quer também ter o gosto de comprar. Um compram logo um marido; outras contentam-se em comprar um amante. É mais cômodo: deixa-se quando

aborrece.

Araújo

É o que Helena fez com o Vieirinha?

Meneses

Justamente.

Meneses

E sai-lhe caro esse capricho?

Meneses

Sem dúvida; mas o dinheiro como vem, assim vai. Depois ela dá por bem empregado qualquer sacrifício. Não quer parecer velha.

Araújo

Mas quando ceamos juntos, aquela noite ao sair to teatro, me pareceu que o Pinheiro...

Meneses

Deixou-a; está apaixonado pela Carolina; e a Helena, segundo me disseram, o protege.

Araújo

Ah! De amante passou a confidente?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Meneses

É verdade. Tu ficas?

Araújo

Espero por Luís.

Meneses

Então, adeus.

Araújo

Por que não te demoras? Sairemos juntos.

Meneses

Não posso; tenho que fazer. Vou almoçar e depois escrever um artigo. Até a noite.

Araújo

Aonde?

Meneses

No Teatro Lírico. Não vais?

Araújo

É natural.

Meneses

Sr. Viana! Helena...

Luís

Já vai? Nós o acompanhamos.

Meneses

Depressa terminou a sua conversa!

Luís

É verdade; a senhora foi tão simples!

Helena

Era uma coisa tão simples!

Meneses

Fico bastante satisfeito; é sinal de que a minha apresentação valeu um pouco.

Helena

O senhor sabe que ela vale sempre muito.

Araújo (a Luís)

Conseguiste?

Luís

Conseguí tudo. O Meneses tem razão: o dinheiro venceu todas as dificuldades. Ao meio-dia, Carolina está aqui.

Araújo

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Ao meio-dia?... São mais de onze...

Luís

Toma o carro. Ela está doente, mas a esperança de ver sua filha...

Araújo

E tu onde me esperas?

Luís

Eu vou dar uma volta, e dentro de meia hora voltarei.

Araújo

Até já, Meneses! (à Helena) Viva!

Luís

Vamos, Sr. Meneses.

Helena

Então ao meio-dia?

Luís

Aqui estarei.

Azas de um anjo

CENA 4

HELENA E VIEIRINHA

Vieirinha

Almocei bem! O Meneses já foi?

Helena

Saiu agora mesmo.

Vieirinha

E os outros?

Helena

Também.

Vieirinha

Que fazer tu hoje?

Helena

Nada.

Vieirinha

Então não precisas de mim?

Helena

Que pergunta!

Vieirinha

Dá-me um charuto.

Helena

Não tenho.

Vieirinha

Estás hoje muito aborrecida.

Helena

E tu muito maçante.

Vieirinha

Não duvido; passei mal a noite. (Estende-se no sofá) Se quiseres conversar, acorda-me.

Helena

Não se deite, não senhor.

Vieirinha

Por quê?

Helena

Não são horas de dormir.

Vieirinha

Ora, quando se tem sono...

Helena

Espero Carolina. Preciso estar só com ela.

Vieirinha

Ah! Isto é outro caso. Queres dizer que me ponha ao fresco.

Helena

Pouco mais ou menos.

Vieirinha

Está feito! Vou trocar as pernas por aí.

Helena

Não voltas?

Vieirinha

É boa! Deitas-me pela porta fora e achas que devo voltar?

Helena

Estás zangado?... Deixa-te disso. Volta às quatro horas.

Vieirinha

Para fazer o quê?

Helena

Iremos jantar ao Hotel de Botafogo.

Vieirinha

É muito longe.

Helena

Não faltes.

Vieirinha

Se puder.

Helena

Conto contigo.

Vieirinha

Vai só.

Helena

Não tem graça!

Vieirinha

Pois eu não posso ir.

Helena

Azas de um anjo

Por que razão?

Vieirinha

Por quê...

Helena

Estás inventando a mentira?

Vieirinha

Tenho acanhamento em confessar-te.

Helena

Começas tarde com os teus acanhamentos!

Vieirinha (rindo)

Deveras!... Pois não vou ao Hotel de Botafogo porque não quero encontrar-me com certo sujeito.

Helena

Ou sujeita?...

Vieirinha

Já está com ciúmes! É um rapaz que me ganhou outro dia cinqüenta milréis no jogo, e a quem ainda não paguei.

Helena

Não será o primeiro.

Vieirinha

Nem o último. Mas esse tem uma irmã feia e rica que pode ser um excelente casamento. Se não lhe pago, fico desacreditado na família.

Helena

Bem feito! Só assim deixarás o maldito vício do jogo.

Vieirinha

Ah! Deu-te para aí! Queres pregar-me um sermão? Basta os que ouço do velho!

(Vai sair)

Helena

Então, até quatro horas?

Vieirinha

Não, decididamente não vou; já te disse o motivo.

Helena

Olha! Se tu me prometesses...

Vieirinha

O quê?

Helena

Não jogar mais.

Vieirinha

Que farias?

Helena

Faria um sacrifício...

Vieirinha

Sacrifício...

(faz o gesto vulgar com que se exprime dinheiro)

Helena

Sim!

Vieirinha

Prometo o que tu quiseres! Juro!

Helena (dando-lhe uma nota)

Pois toma; vai pagar a tua dívida e volta.

Vieirinha

Está dito!... Tu és uma flor, Helena.

Helena

Sim! Vêm a tempo os teus cumprimentos; nem fazes caso de mim.

Vieirinha

Não digas isto. Os únicos momentos de felicidade que tenho são os que passo junto de ti. Até a tarde!

CENA 5

HELENA E CAROLINA

Carolina

Cheguei muito cedo!

Helena

Não faz mal.

Carolina

Sentia uma impaciência!... Apenas Ribeiro saiu, meti-me num carro...Antes que me arrependesse!

Helena

Assim estás resolvida?

Carolina

Inteiramente.

Helena

Já duas vezes disseste o mesmo, e quando chegou o momento...

Carolina

Hesitei antes de dar este passo; não sei que pressentimento me apertava o coração, e me dizia que eu procedia mal. Foi o primeiro homem a quem amei neste mundo; é o pai de minha filhinha. Parecia-me que devia acompanhá-lo sempre!

Helena

Se ele não te abandonasse mais dia, menos dia.

Carolina

Não há de ter este trabalho; hoje resolvi-me; esta existência pesa-me. A que horas vem o Pinheiro?

Helena

Não pode tardar.

Carolina

É muito longe daqui a Laranjeiras?

Helena

Não; é um instante! Em cinco minutos podes lá estar.

Carolina

Já viste a casa?

Helena

Ainda ontem. Está arranjada com um luxo!... O Pinheiro vai te tratar como uma princesa.

Carolina

Contanto que me deixe livre.

Helena

Ele te adora; há de fazer todas as tuas vontades. Queres ver que lindo presente te mandou?

Carolina

Por ti?

Helena

Sim; está aqui.

(Tira do bolso caixas de jóias)

Carolina

Um colar...pulseiras...um adereço completo!

Helena

Não é de muito gosto?

Carolina

São brilhantes?

Helena

Verdadeiros... Mas, Carolina, tenho uma notícia a dar-te.

Carolina

Que notícia?

Helena

Teu primo deseja ver-te.

Carolina

Luís!... Esteve aqui!... Que me quer ele? Ainda não está satisfeito com me ter mostrado tanto desprezo?

Helena

Que te importa?

Carolina

Sempre que o vejo fico triste. Sofro por muitos dias.

Helena

Foi a princípio.

Carolina

Ainda hoje não posso esquecer as palavras que ele me disse há dois anos. E são tão amargas as suas palavras!

Helena

Entretanto, ele te ama.

Carolina

A mim?... Tu pensas...

Azas de um anjo

Helena

Não nos disse outro dia no hotel?

Carolina

Disse que amava outra Carolina, que não sou hoje.

Helena

Cuidas que por uma mulher preferir outro homem, aquele que ela desprezou deixa de amá-la?
Como te enganas!

Carolina

Então acreditas?

Helena

Agora mesmo ele aqui esteve: e me falou de ti com um modo...

Carolina

Que te disse?

Helena

Confessou que estava arrependido do que fez; que deseja ver-te para mostrar que sempre te estimou e ainda te estima.

Carolina

Não é possível, Helena. Se Luís me estimasse não me falava com tanto desprezo.

Helena

Ora, Carolina, se tu amasses um homem que se casasse com outra mulher, o que farias?

Carolina

Tens razão.

Helena

Espera.

Carolina

Mas ele te disse que me queria ver? Voltará?

Helena

Creio que sim.

Carolina

Meu Deus!

Helena

Que mal faz que tu lhe fales? Se ele te ofender, entre para dentro; se quiser amar-te, faz o que entenderes; mas não esqueças o Pinheiro.

Carolina

Sei o que devo fazer.

Helena

Se precisares de mim, chama-me.

Carolina

Me deixas só?

Helena

Ao contrário, vê quem está aí.

CENA 6

LUIZ E CAROLINA

Carolina

Luís!

Luís

Não me recusou falar, Carolina. Eu lhe agradeço.

Carolina

Por que recusaria?

Luís

Depois do que se tem passado, não era natural que desejasse fugir à presença de um importuno?

Carolina

Qual de nós, a primeira vez que nos encontramos depois de uma longa ausência, repeliu o outro?

Luíz

A repreensão é justa, eu a mereço. Mas não creio que venho ainda lembrar-lhe um passado que todos devemos esquecer, e acusá-la de uma falta de que outros talvez sejam mais culpados. Venho falar-lhe como irmão; queres ouvir-me?

Carolina

Fale; não tenho receio.

Luís

Todos nós, Carolina, homens ou mulheres, velhos ou moços, todos sem exceção, temos faltassem nossa vida; todos estamos sujeitos a cometer um erro ou praticar uma ação má. Uns, porém, cegam-se ao ponto de não verem o caminho que seguem; outros se arrependem a tempo. Para estes o mal não é senão um exemplo e uma lição: ensina a apreciar a virtude que se desprezou em um momento de desvario. Estes merecem, não só o perdão, porém muitas vezes a admiração que excita a sua coragem.

Carolina

Não, Luís; há faltas que a sociedade não perdoa, e que o mundo não esquece nunca. A minha é uma destas.

Luís

Está enganada, Carolina. Se uma moça que, levada pelo seu primeiro amor, ignorando o mal, esqueceu um instante os seus deveres, volta arrependida à casa paterna; se encontra no coração de sua mãe, na amizade de seu pai, na afeição dos seus, a mesma ternura; se ela continua a sua existência doce e tranqüila no seio da família; por que a sociedade não lhe perdoará, quando Deus lhe perdoa, dando-lhe a felicidade?

Carolina

Nunca ela poderá ser feliz! A sua vida será uma triste expiação.

Luíz

Ao contrário, será uma regeneração. Em vez da paixão criminosa que a rouba de seus pais, ela pode achar no seio de sua família o amor calmo que purifique o passado e lhe faça esquecer a sua falta.

Carolina

É verdade, então, Luís?... Helena não me enganou!

Luís

O quê?... Não sei!...

Carolina

Ainda me ama!

Luís

Eu?...

Carolina

Não era de si que me falava?

Luís

Não, Carolina; falava do Ribeiro.

Carolina

Ah! Era dele!...

Luís

É o único que tem direito de amá-la.

Carolina

Pois eu não o amo.

Luís

Não creio.

Carolina

Juro-lhe.

Luís

É impossível.

Carolina

Amanhã não duvidará.

Luís

Amanhã?... Que vai fazer?

Carolina

Há de saber.

Luís

Carolina, eu lhe peço, não dê semelhante passo; ele é ainda mais grave do que o primeiro.

Azas de um anjo

Compreendo que uma menina inexperiente sacrifique-se à afeição de um homem; mas nada justifica a mulher que renegar aquele a quem deu sua vida.

Carolina

Então não posso deixá-lo!

Luís

Não! Uma mulher deve sempre conservar a virgindade do coração e guardar pura sua primeira afeição. Respeita-se o consórcio moral de duas criaturas que se unem apesar do mundo e dos prejuízos que as separam; respeita-se a virtude ainda quando ela não reveste as fórmulas de convenção. Mas despreza-se a mulher que aceita qualquer amor que lhe oferecem.

Carolina

E quem lhe diz que amarei a outro?

Luís

O primeiro amor é às vezes o último; o segundo nunca o será.

Carolina

Podia ser, Luís, se o não desprezassem.

Luís

Não compreendo.

Carolina

Também eu não compreendo este sentimento; mas o coração é assim feito; deseja o que não pode obter, e que muitas vezes desdenhou quando lhe ofereciam. Admiro-me do que se passa em mim, e não sei explicá-lo. Parece-me, às vezes, que ainda haveria um meio de ligar o fio de minha vida às recordações dos meus dezoito anos, e continuar no futuro a existência tranqüila de outrora. Mas esse meio... é uma loucura.

Luís

Diga, Carolina! Eu farei tudo...

Carolina

Tudo!...

Luís

Duvida?

Carolina

Ame-me então!

Luís

Escarnece de mim.

Carolina

Luís!

Luís

Creia-me, Carolina. Se eu estivesse convencido da realidade desse amor, ainda assim, sacrificaria a minha felicidade à sua felicidade.

Carolina

Está bem! Não falemos mais nisso. Foi um gracejo; não faça caso... Adeus...

Luís

Já me despede.

Carolina

Pode ficar se quiser.

(Chega-se ao espelho, e enxuga furtivamente uma lágrima. Deita fora as jóias que Helena lhe dera)

Luís (vendo no relógio)

Meio dia...

Carolina

Cuidei que fosse mais tarde!... Bonitas pedras! Não são? Foi um presente!...

Luís

Ah! foi um presente?

Carolina

Não é de bom gosto?

Luís

Muito lindo!

Carolina

Quanto valerá?

Luís

Nada para mim; para outros talvez seja o preço de uma infâmia.

Carolina

Faltava o insulto!...

Azas de um anjo

CENA 7

OSVALDO: MESMOS E HELENA

Helena

Sabes quem está aí?

Carolina

Não.

Helena

O Ribeiro.

Carolina

Ah!

Helena

Que virá fazer?

Carolina

Não sei. Naturalmente recebeu a minha carta mais cedo do que devia.

Helena

Tu lhe escreveste?... Para quê?...

Luís (à Carolina)

Seu amante!

Carolina

Eu o espero.

CENA 8

OS MESMOS E RIBEIRO

Ribeiro (à Carolina)

Esta carta?

Carolina

É minha.

Ribeiro

Que quer dizer isto?

Carolina

Não leu? Preveni-o da minha resolução.

Ribeiro

Não acredito!... tu não podes deixar-me!

Carolina

Não posso... Por quê?

Ribeiro

Tu és minha, Carolina! Tu me pertences!

Carolina

Engana-se; o que lhe pertence ficou em sua casa; deixando-o, deixei tudo o que me havia dado.

Ribeiro

Que me importa isso? É a ti que eu não quero e não devo perder.

Carolina

Seu que incomoda a falta de um objeto com o qual estamos habituados! Mas paciência... nem sempre a moça tímida havia de sujeitar-se ao jugo que lhe impuseram.

Ribeiro

É a segunda vez que me fazes esta exprobração. Não me compreendes! Se eu não te amasse, teria realizado os teus sonhos; gozaria um momento contigo desta vida louca e extravagante que te fascina e depois te abandonaria ao acaso. Mas Deus puniu-me com a minha própria falta: quis seduzir-te e amei-te. Não sabes o que tenho sofrido... em que luta vivo com minha família!

Carolina

Nesse ponto me parece que se algum de nós deve ao outro, não é decerto aquela que sacrificou a sua existência. Mas não cuide que me queixo; aceito o meu destino! Fui eu que assim o quis...

Ribeiro

Tu me lembras que tenho uma dívida de honra a pagar-te.

Carolina

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Azas de um anjo

Obrigada! Basta-me a liberdade e o sossego!

Ribeiro

Então decididamente me deixas?

Carolina

Já o deixei; já não estou em sua casa. A minha é nas Laranjeiras.

Ribeiro

A dele, queres dizer? A do Pinheiro!

Carolina

É o mesmo.

Luís

E era esta mulher que há pouco falava de amor.

Carolina

Não era esta, não senhor; era a outra a quem insultaram.(Vai sair)

Ribeiro

Uma palavra, Carolina!...

Carolina

Que quer ainda, senhor?

Ribeiro

Eu te seduzi, fiz-te desgraçada, não é verdade?... Pois bem! Arrosto a oposição de minha família! Arrosto tudo! Quero reparar a minha falta! És a mãe de minha filha; sê minha mulher!

Carolina

Tua mulher!

Ribeiro

Sim, Carolina! É um sacrifício que te devo.

Carolina

Não lho pedi.

Ribeiro

Mas sou eu que te suplico.

Luís

É a honra, é a virtude; é a felicidade que ele lhe restitui! (Aparece Pinheiro)

CENA 9

OS MESMOS E PINHEIRO

Carolina

Não! É tarde...

Luís

Carolina!...

Carolina

Já que o amor não é possível para mim, prefiro a liberdade! Quero ver a meus pés, um por um, todos esses homens orgulhosos que tanto blasonam de probos e honestos!... Aí curvando a fronte ao vício, o marido trairá sua esposa, o filho abandonará sua família, o pai esquecerá os seus deveres para mendigar um sorriso. Porque no fim de contas, virtude, honra, glória, tudo se abate com um olhar, e roja diante de um vestido. (a Pinheiro) Meu carro?...

Pinheiro

Está na porta.

Helena

Vem ver como é rico!

Ribeiro

Lembra-se ao menos de tua filha!...

Carolina

Deixo-o as seu pai como um remorso vivo.

Luís

Refleta, Carolina; aceite a reparação que o senhor lhe oferece; faça de um homem arrependido, de uma moça desgraçada e de uma menina órfã, uma família; dê a felicidade a seu marido, e um nome à sua filha!

Carolina

E quem me dará a mim o que eu perco?

Luís

A sua consciência.

Carolina

Não a conheço! Adeus! (Vai sair)

Ribeiro

Não! Tu não sairás com este homem!

Carolina

Quem impedirá?

Ribeiro

Eu!

Azas de um anjo

Helena

Sr. Ribeiro, seja prudente!

Pinheiro

É o que faltava ver! Que o senhor queira levar o ridículo a esse ponto! Tem algum direito sobre ela?

Ribeiro

Tenho o direito de vingar-me de um amigo desleal que me traiu.

Pinheiro

Eu traí; e o senhor?... Roubou! Roubou a filha a seus pais.

Luís (à Carolina)

Veja os homens a quem ama!

Carolina

Não amo a ninguém! Sou livre!

(Caminhando para a porta vê Margarida que entra pelo braço de Araújo, recua com espanto).

CENA 10

OS MESMOS, MARGARIDA E ARAÚJO

Carolina

Ah! Esqueci que ainda tinha mãe!

Margarida

Carolina!

Luíz

Tardaste muito!

Araújo

Apesar de toda a sua coragem, faltavam-lhe as forças! Que te disse ela?

Luís

Cala-te!

Margarida

Carolina!... Não falas à tua mãe? Não me queres conhecer?... Depois de tanto tempo!... Tens medo de mim?... Não penses que vim repreender-te.... acusar-te! Já não tenho forças!...

Vim pedir-te que me restituas a filha que perdi!

Queria ver-te antes de morrer... Eu te perdôo tudo...

Não tenho que perdoar... Mas fala-me... Olha-me ao menos!... Mais perto! Quase não te vejo!... As lágrimas cegam... e tenho chorado tanto!

Carolina

Minha mãe!...

Margarida

Ah!...

Carolina

Oh! não!

Margarida

Que tens?

Carolina

Tenho vergonha!

Margarida

Abraça-me! Deus ouviu as minhas orações! Achei enfim a minha filha!...minha Carolina!

Carolina

Não estás mais zangada comigo?

Margarida

Nunca estive! Tinha saudades! Porém agora não nos separaremos mais nunca. Vem!...

Azas de um anjo

Carolina

Para onde?

Margarida

Para a nossa casa; hás de achá-la bem mudada. Mas tudo voltará ao que era. Estando tu lá, a alegria entrará de novo; seremos muito felizes, eu te prometo.

Carolina

Está tão fraca!...

Margarida

Contigo sinto-me forte! Já não estou doente: vê! (Dá um passo e vacila)

Carolina

Nem pode andar!... Mas tenho ai o meu carro.

Margarida

Teu carro!...

Carolina

Sim! Ainda não viu? É muito bonito.

Margarida

Todas estas riquezas que compraste tão caro e com tantos sofrimentos custaram à tua mãe, já não te pertencem, Carolina, atira para longe de ti estes brilhantes!... Não te assentam!

Carolina

Minhas jóias!...

Margarida

Oh! Não lamentes a sua perda! Beijos de mãe brilham mais em tuas faces do que esses diamantes. Tu eras mais bonita quando íamos à missa aos domingos.

Carolina

Pois sim!

(Afasta-se)

Luís (à Margarida)

Era a minha última esperança!

Margarida

Não falhou, o coração me dizia...

Carolina (no espelho)

Não! Não tenho coragem!

Margarida

Que dizes?...

Carolina

Perdão, minha mãe! É impossível!

Margarida

Lembra-te, minha filha, que é a tua desonra que tu mostras a todos!

Carolina

Que importa?... Minhas jóias!... Tão lindas!... Sem elas, o que serei eu? Uma pobre moça que excitará um sorriso de piedade!... Não! Nasci com este destino! É escusado.

Luís (à Margarida)

Foi irritá-la!...

Margarida (à Carolina)

Escuta! Não exijo nada! Não quero saber de coisa alguma! Faze o que quiseres; mas deixa-me acompanhar-te; deixa-me viver contigo: eu partilharei até mesmo a tua vergonha.

Carolina

Nunca! minha mãe! Seria profanar o único objeto que eu ainda respeito neste mundo. Adeus...

Margarida

Carolina...

Carolina

Adeus... e para sempre!

Margarida

Ah!...

(Desmaia)

Luís

Assim, depois de ter desconhecido o pai, e abandonado a filha, repele a mãe!

Carolina

Como há pouco me repeliram.

FIM DO SEGUNDO ATO

Azas de um anjo

